

Por autonomia e 'amor próprio', USP precisa de gestão e austeridade

Roberto Lobo 20 de junho de 2014

A Universidade de São Paulo (USP) e suas coirmãs estão passando por séria crise financeira. Gastam mais do que o orçamento estadual, ou quase, dependendo do caso, com salários. Não é a primeira vez que as universidades passam por crises financeiras. Só que depois da autonomia, elas perderam a perspectiva de recorrer ao “pai rico”, no caso o Estado de São Paulo, porque estouraram o cartão de crédito. Ou ao menos deveriam desconsiderar essa perspectiva, se desejarem manter um mínimo de autonomia e amor próprio.

Crises financeiras em entidades públicas decorrem de crises macroeconômicas nacionais ou por má gestão e planejamento equivocado. Quando assumi a reitoria em 1990 tivemos uma forte crise conjuntural com a posse do presidente Fernando Collor de Mello e o congelamento das poupanças, seguido de uma forte recessão. Caiu o ICMS e a USP perdeu importante receita financeira, chegando a ter que atrasar o pagamento de salários - experiência terrível para todos, especialmente para quem tinha a responsabilidade de gerir a universidade. Mas medidas foram tomadas, inclusive duras medidas, e em três anos a USP estava saudável e com capacidade de iniciar um fundo de poupança.

A outra receita para a crise financeira parece ser a que presenciamos agora: distribuição de benesses, aumentos acima da inflação sem lastro financeiro, planejamento inconsequente que compromete verbas de custeio e investimento com pessoal. A reitoria, recém empossada, recebeu essa herança difícil.

Propostas surgem, como surgiram em 1990, para resolver o problema e vão desde suspender o corte da grama (grande economia!) até pedir mais orçamento ao governo. Fala-se novamente em pedir aumento do orçamento em troca de um aumento das vagas, o que não vai resolver o problema e ainda resulta no inchamento das universidades, sem um planejamento acadêmico compatível, na mera tentativa de cobrir os rombos de caixa ([leia mais aqui](#)). Receitas mirabolantes rondam os corredores, até mesmo uma torcida pela volta da inflação, que prejudicaria os assalariados do país inteiro! É como torcer por um terremoto que enterrasse seu credor! Para manter a dignidade e a autonomia a duras penas conquistada, a USP precisa fazer um planejamento de engenharia financeira, duro mas justo, cortando desperdícios e avaliando gastos que podem ser postergados, suspender novas contratações e promoções, entre outras medidas que só quem tiver à mão os dados financeiros da universidade será capaz de definir.

São medidas desgastantes, sim. Mas é responsabilidade das lideranças assumirem inclusive o desgaste político de medidas impopulares. Afinal, não foram indicados, mas se candidataram aos cargos e esses são alguns dos ossos do ofício.

Confio que a atual reitoria tem a disposição e a competência para superar mais essa crise.